

**JOGOS VORAZES E A LITERATURA COMPARATIVISTA:
AS SEMELHANÇAS ENTRE A OBRA *451 FAHRENHEIT*
DE RAY BRADBURY, E A TRILOGIA DE SUZZANE COLLINS**

Wagner Pavarine Assen (UEMS)

wagner.assen@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Este estudo procurara elencar e analisar as possíveis nuances comparativas entre as obras *Jogos Vorazes* de Suzzane Collins e *451 Fahrenheit* de Ray Bradbury. Com base nas características presentes em cada obra procura-se responder questões sobre as influências da obra de Bradbury na obra recente *Jogos Vorazes*. A começar pelo fato de que ambos os enredos se passam em um tempo pós-apocalíptico, onde regimes totalitários são instaurados. Seus protagonistas fazem parte da classe que é oprimida, se transformam, em meio a conflitos psicológicos intensos, em líderes de possíveis revoluções ao longo da trama, mesmo que essas também ocorram no intelecto. Os aspectos da linguagem na elaboração dos enredos em questão e suas particularidades constroem o todo analítico do estudo. Dentre os inúmeros itens de congruência entre os enredos a análise tenta ligar as utopias e distopias inerentes nestas duas obras.

Palavras chaves: Literatura comparada. Distopia. Crítica literária.

1. Introdução

São incontáveis as possibilidades de abordagem e análise de uma determinada obra literária. Sendo assim, o presente artigo abordará, pelo suporte da *literatura comparada*, duas narrativas ficcionais, trazendo à tona possíveis congruências comparativas entre elas; distopias norte americanas de épocas distantes, mas que se assemelham numa série de detalhes de composição.

É válido frisar que este estudo se fará pelo viés da linguagem literária apenas, visto que ambas as obras têm versões, de considerável fide-

lidade, passadas para o cinema, tais versões sofreram adaptações, no caso de *451*, o francês *Truffaut* adaptou seu roteiro. A primeira escrita em 1953, *451 Fahrenheit* do autor norte americano Ray Bradbury, a segunda mais recente publicada em 2008 a trilogia de Suzanne Collins *Jogos Vorazes*.

2. *Sobre literatura comparada*

A literatura comparada se encarrega de maneira mais ampla possível, de confrontar duas ou mais obras o trajeto que essas obras traçam e de que forma elas se coincidem, se há influências claras ou não de uma obra na outra e se um autor bebeu nas fontes da outra obra. Tal método se faz excelente por si mesmo visto que neste sentido se valoriza o trajeto histórico literário contido nas transformações que os manifestos artísticos acarretam socialmente.

Na busca de pistas, influências, semelhanças que se completam em termos que apesar de pertencerem a épocas diferentes, se fundem em atualidade de escrita já que o visionarismo ou o aspecto “profético” se funde, latente nas duas ficções, como crítica ao sistema e à sociedade.

Um estudo que almeja afinilar parentescos e intertextualidades, visto que é possível deduzir, através de um texto, que livros o autor deste leu, o gênero em que se enquadra. É através de uma leitura comparada que se faz possível conectar os textos entre si, preservando, porém, em cada um, sua “integridade”, não alterando ou distorcendo de maneira vaga e equivocada os textos.

Atualmente a literatura comparada caminha por diversos campos, movendo-se por uma vasta gama teórica, abarcando mais de uma área se tornando interdisciplinar, atingindo o campo do discurso, da melopoética, da crítica literária, filmica além de poder ser situada nos campos onde se analisa mais de uma vertente, cinema e literatura por exemplo.

A que se ressaltar o caráter sócio-histórico contido nas obras, a literatura comparada permite um olhar histórico que acompanha as obras, contextualizadas ao seu tempo como no caso futurista e ao mesmo tempo real de *451* e numa segunda etapa que se cumpre um tempo previsto em *Jogos Vorazes*. Nesse desdobrar entre tempo e espaço a que as premissas historiográficas pertencem, cada texto segue uma proposta, que se cruzam num ponto comum. É exatamente essa perspectiva historicista que

Carré faria suplantará a crítica literária, onde a literatura comparada passaria a ser uma ramificação da história literária.

E nesta relação de história e literatura, julgando que literatura é a história que a história não conta, que o texto se enaltece, numa análise centrada no texto e na relação que este faz com o contexto social e cultural.

Atualmente, trabalhos diversificados e interessantes, de estudiosos pós-estruturalistas, comprovam a complexidade do estudo comparatista. É a procura do entendimento do outro, da alteridade que se faz presente. Trata-se da voz concedida às minorias sexuais, étnicas e de gênero. São estudos de ordem, mais especificamente, cultural, e que representam uma ampliação no horizonte comparatista na atualidade. Homi K. Bhabha, por exemplo, professor de teoria literária da universidade de Sussex, trata a questão do outro, da análise de subjetivação do discurso estereotípico em seus escritos. Edward Said, professor de literatura comparada, por sua vez, analisa o problema do etnocentrismo, a relação entre poder e conhecimento, o papel do intelectual, e discute o desenvolvimento do historicismo tradicional com as práticas atuais do imperialismo cultural e econômico, entre outras questões. (...) É importante assinalar também a presença marcante da filósofa Julia Kristeva, que trouxe grande contribuição para área com sua noção de intertextualidade, aprofundada de Mikhail Bakhtin, de que todo texto se constitui como um mosaico de citações e absorção e transformação de outro texto (SOUZA, 2006).

Pode-se delimitar o campo de ação e abertura da literatura comparada.

3. Os enredos e as comparações

Na criação futurística de Bradbury tem-se o relato de uma sociedade onde os livros são proibidos, de um povo oprimido num regime totalitário, um retrato visionário de um presente pós-segunda guerra mundial. Uma época de incertezas e de mudanças drásticas, marcada pelo avanço tecnológico com a chegada dos computadores e vasto alcance da televisão. A literatura e com ela a possibilidade de informação tem seu ápice no século XX, porém a enfrentaria regimes como o nazismo e fascismo que censuravam e destruíam milhares de livros, onde governos controlavam todo tipo de propagação midiática, fato que já ocorrera desde a idade média.

Após o advento da Segunda Guerra Mundial, atribuíam-se a censura apenas aos sistemas totalitários. No entanto, nos Estados Unidos dos anos 50, tudo que poderia parecer comunista ou fazer alusão a “onda vermelha” ou ao mínimo de simpatia era confiscado. De igual modo acontecera na Europa nazifascista.

Com essa frase, o autor inicia a história do bombeiro Montag, encarregado, de queimar livros, a mando do Estado. A estória se passa em um futuro não muito distante, onde uma sociedade totalitária é controlada pela “Família”, Este futuro não muito distante é aqui em nossa contemporaneidade; a sociedade totalitária é esta sociedade de consumo, da ideologia do capital, que impõe o pensamento único, o individualismo, a “ordem”. As pessoas que vivem nessa sociedade são educadas a desempenharem certas funções sociais, sem se questionar muito sobre o que estão de fato realizando. O sucesso deste estado de obediência e paz social deve-se, especialmente, ao cuidado com a educação. Nas escolas, as crianças aprendem a não ler e que livros são para se queimar. Somos apresentados ao dócil Montag, um bombeiro que, ao contrário do que o nome de sua profissão possa sugerir, não tem a tarefa de apagar incêndios, uma vez que as casas são todas as provas de fogo, ou ao menos é isso que a “família” diz. Os *fireman* são responsáveis por atear fogo nos livros, e perseguir, prender e executar as pessoas encontradas junto aos livros. Algo como a Gestapo ou a PM. (COSTA, 2001)

No enredo de *Jogos Vorazes*, que assim como *451* tem escritores norte-americanos, e quase que como numa vertente que busca escrever distopias futurísticas, acompanhando o legado de *1984* de George Orwell e *Admirável mundo novo* de Aldus Huxley, sem mencionar *A Utopia* de Thomas Morus, conta a história de uma América do norte pós-apocalíptica, devastada pela guerra e dominada por um poder, também autoritário e opressor. As pessoas são divididas em distritos, onde cada um fica responsável por produzir e abastecer a metrópole com a produção de seu distrito, em nenhum momento se quer se menciona a leitura. *Montag* de *451* e *Katniss* de *Jogos Vorazes*, protagonistas das respectivas obras em questão são os agentes das revoluções e da liberdade, apesar da trama em *451* não ser tão extensa podendo ser classificada até como novela cabe inúmeras peripécias. A princípio, nenhum dos dois se percebe como frente disso, porém essa percepção “amadurece” no decorrer dos enredos. O “abrir de olhos” para a situação no mínimo caótica e opressora de seus respectivos países, acontece quando se forma o casal protagonista. *Katniss* passa a pensar de modo contrário ao estado quando Gale, seu primeiro encuca pensamentos de revolução, e isso se confirma quando *Katniss* participa dos jogos com Peeta com quem se casa ao final da trama.

Em *451* Guy Montag conhece Clarisse que abre sua mente com perguntas que fogem do “sistema” bagunçado da cidade, esta morre atropelada e sua esposa Midred tenta de várias formas se suicidar. Montag vive numa sociedade onde os livros são proibidos, porque eles têm como alegoria a “liberdade” e é exatamente isso que acontece com quem lê, se liberta. Os chamados “povos dos livros”, na trama de *Jogos Vorazes* podem ser comparados ao distrito 13, onde estão os que se rebelaram contra a metrópole e seu autoritarismo.

Entre preâmbulos comparativos objetivos, começamos pelo tempo em que cada autor escreve: um, no Pós-Segunda Guerra Mundial; o outro, fomentado pela era dos *reality shows* e guerras constantes contra o “terrorismo” (*Jogos Vorazes*). Assim como abordado por Fitzgerald em *O Grande Gatsby*, o surgimento da hegemonia da América na era do jazz no entre-guerras, surge um estado dominante, não só dos corpos do seu “gado”, mas também das mentes, cerceando o direito ao conhecimento. O único acesso que os distritos têm à comunicação é pela TV, onde passam 24 horas por dia à luta pela sobrevivência aos tributos dentro da arena. Norte americanos deixam claro seu poder bélico em seus filmes, que, desde a guerra fria, é temido, e na literatura não é diferente, mesmo que de forma contrária.

O enredo pós-apocalíptico é um item presente nas duas tramas, a destruição dos países oriundos de uma guerra onde se instaura um novo regime uma nova ordem de governo nada favorável ao povo e às minorias. Nisso se encaixa a função distópica literária.

Ambas as tramas têm casais como protagonistas e personagens que carregam a “revolução” como características. Que pelo outro e pelo relacionamento com o outro é que se fomenta o conhecimento e é o cair às escamas dos olhos que impedem o avanço.

O distrito 13 é representado pelo “povo dos livros”. Esse lugar comum nos enredos representa os negativistas ou os resistentes, que iniciam a rebelião, no livro três no caso dos *Jogos* e na terceira parte de *451*. Outro ponto de identificação é a divisão em três partes contidas nos dois textos. Classificando os dois enredos como narrativa “clássica” composta de começo meio e fim.

O futuro é algo doentio para a trama em si, o futuro tanto onde se passa o enredo quando o futuro de cada personagem é um conflito a parte e interno presente nas tramas. Por fim os personagens protagonistas se descobrem no outro para se perceberem mais humanos, valores mais altruístas que levam a busca pela ordem e pela justiça, são fatores que se encontra em Montag primeiramente e depois em Katnis.

Os personagens que protagonizam as histórias são jovens, porém no caso de *Jogos Vorazes* são mais adolescentes, pois os livros têm seu público-alvo voltado para essa faixa etária.

Em uma comparação, em nível mais superficial, não tão psicológico dos enredos se faz possível elencar diversas características que con-

têm, *a priori*, em *451*, e como uma reprodução moderna e destinada a adolescentes, posteriormente, em *Jogos Vorazes*.

4. Considerações finais

É de se notar a vasta gama de similaridades entres os enredos, personagens e suas características psicológicas, seus mundos como estes se inserem. Não é possível afirmar até que ponto Suzanne Collins utilizou *451* para produção de *Jogos Vorazes*, tampouco é possível provar categoricamente tal afirmação, e nem é este o objetivo do estudo, todavia ficam latentes as similaridades e “parentescos” entre as histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRADBURY Ray. *Fahrenheit 451*: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2007.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1998.
- DALA COSTA, Lizete Maria. *451 Fahrenheit: labirinto social*, 2001.